



A educação escolar pública e privada em tempos de pandemia na cidade de Rio

Branco - Acre: notas de diário de campo

Luciney Araújo Leitão

Cientista Social, Professor de Sociologia EBTT na Universidade Federal do Acre e de Sociologia no Ensino Médio no Centro Educacional e Cultural META, pesquisador extensionista vinculado ao GESCAM/UFAC e pesquisador vinculado ao Grupo de Diálogos/UNISL/RO

Ana Caroline da Silveira Barros

Estudante secundarista do Colégio de Aplicação da UFAC

Kassandra Gisele Rojas de Araújo

Estudante secundarista do Centro Educacional e Cultural META

Para efeito didático, esta reflexão estará construída em tópicos, ou aforismos pedagógicos acerca do tema, Apontando medidas emergenciais adotadas (ou não) por duas instituições de ensino básico da cidade de Rio Branco, no Acre, e seus impactos imediatos no cotidiano da comunidade escolar atingida pela pandemia.

No dia 16 de março de 2020, o Governador do Estado do Acre – Gladson Cameli, editou o Decreto N° 5496/2020 (1), que suspendeu por 15 dias as atividades educacionais presenciais nas escolas públicas e particulares em todo Estado. Nesse dia especificamente, a cidade de Rio Branco apresentava seu primeiro caso positivo para o Covid-19. A preocupação do poder público acreano, com essa medida, foi a de tentar conter o avanço da curva de contágio nas escolas públicas e particulares e de construção de uma estrutura pública hospitalar. Como medida emergencial, a Unidade de Pronto Atendimento do Segundo Distrito (UPA) foi transformada em hospital de referência para os casos de Covid-19.

O primeiro impacto causado com o decreto, foi a incerteza quanto à continuidade do semestre/ano letivo nas escolas públicas e privadas da capital e do interior do Estado. Essa incerteza gerou num primeiro momento certo desconforto e desconfiança por parte de professores, técnicos educacionais, alunos, responsáveis e de toda cadeia envolvida na educação.



Sobre a necessidade de aulas remotas

No final de 2019 e com maior magnitude nos primeiros meses de 2020 surge uma situação epidêmica na China, província de Wuhan decorrente do novo coronavírus. No Brasil é feito o acompanhamento distante do avanço desta doença que causou efeitos desastrosos em outros países até o momento em que o primeiro caso é registrado no país. No primeiro dia de julho de 2020 o Estado do Acre registra 13.715 casos confirmados e 370 mortos (2).

A partir deste novo cenário inesperado, o Ministério da Educação pública portaria 343/2020 autorizando a utilização das tecnologias de informação e comunicação (TIC's) em todos os segmentos de ensino, como medida mitigatória de conter os prejuízos educacionais causados pelo novo coronavírus. Estados e municípios editam seus próprios decretos que acompanham restrições e isolamentos sociais –e reeditam os mesmos a cada aumento da curva de contaminação. Da mesma forma que os demais setores não essenciais, o setor educacional foi pego de surpresa pela situação do COVID-19 e as instituições de ensino de todos os níveis necessitaram se reorganizar, se reinventar e buscar alternativas emergenciais para que o foco impacto no ensino e aprendizagem seja menor na classe estudantil. Há então uma mobilização pedagógica e uma readaptação de gestores, técnicos e docentes para o novo cenário que envolve: utilização de TIC's para a educação, rearranjo prático do uso das redes sociais para fins educativos a aproximação com o aluno e meios de garantir o ensino e a aprendizagem, colocando à disposição dos docentes meios tecnológicos para que seja aplicado o modelo remoto.

É importante frisar que, diferentemente do EAD, as aulas remotas emergenciais possuem as características seguintes: os professores atendem os alunos na mesma proporção (ou até maior) que antes da pandemia e não um grande grupo de alunos como de maneira presencial; as atividades, avaliações e devolutivas quanto ao aprendizado são feitas para o grupo específico de alunos, não havendo redução de trabalho docente como se acredita pelo senso comum, pois o que se tem é um aumento da jornada de trabalho (não mais controlada pelo sistema de ponto, seja ele eletrônico ou por assinatura) que trouxe como principal consequência a redução salarial dos docentes. No ensino remoto emergencial, o professor atende o aluno individualmente nas demandas técnicas e pedagógicas.



O que lemos nas redes sociais, em coletivos educacionais e ouvimos dos nossos colegas é que as aulas remotas exigem muito do professor e, mesmo em situação de medo causado pela pandemia, estes continuam a atuar com posturas profissionais junto aos seus alunos no que tange ao cuidado com o desenvolvimento dos mesmos. Logo, as falácias de que em plena pandemia estão os professores aplicando o modelo EAD são discursos de quem não diferencia uso de tecnologias na educação, da própria EAD. Por conta da questão epidemiológica, estamos usando a tecnologia; todavia o atendimento do aluno é individualizado, organizado por turma e horário. A prática docente se reestrutura (sugerimos suprimir a frase) em um curto espaço de tempo; porém na essência (e esforço intelectual), continua a mesma.

A (re) educação em tempos pandêmicos na escola particular

As escolas particulares de Rio Branco, no primeiro dia pós-decreto, mobilizaram seu corpo técnico/docente para traçar estratégias de continuidade do ensino, buscando alternativas que acarretassem em um baixo impacto no enfrentamento de uma nova modalidade que surgiu. Docentes passaram (em um curto espaço de tempo) a se reinventar e buscar aprendizados na área de tecnologia da informação para dar continuidade ao ensino em uma modalidade híbrida e, no meio desse turbilhão tecnológico pandêmico, buscar motivação para eles e para os alunos.

A leitura inicial que se tem ao adotar o ensino remoto emergencial de uma maneira síncrona é a válvula de escape para mitigar a relação ensino/aprendizagem, professor/aluno nesse período de afastamento. O primeiro impacto apresentado é foi a alteração da rotina de todos aqueles que estão envolvidos na educação. Professores e alunos tiveram suas rotinas totalmente alteradas, deixando por um tempo o contato assíncrono do ensino, aquele em que se tem um contato direto, e partiram em busca de novas ferramentas/plataformas de ensino.

Nesse momento, os TIC's passaram a ser aliados imediatos na implementação de um modelo de ensino híbrido, mas não se mostraram muito eficientes. Grande parte dos professores já utilizavam algum tipo de tecnologia como recurso pedagógico no ensino presencial, tanto pela questão de aprendizado, como para atender os alunos cada vez mais conectados. Porém, o que se observou, foi o pouco conhecimento pedagógico na utilização de ferramentas como Google Classroom, Meet, YouTube, etc. Evidenciou-se



o quão distante a Região Norte está das demais Regiões no que diz respeito ao uso das TIC's na educação. O que se observou nessa mudança repentina foi que muitos docentes acabaram presos na burocracia pedagógica, o que limita o tempo a ser dedicado à busca de conhecimentos em TIC's.

Os impactos imediatos na rotina dos estudantes ~~foi~~ se revelaram logo nas primeiras aulas em formato remoto. A vivência da modernidade líquida (como diz Zygmunt Bauman) se faz um sinônimo constante nessa modalidade de ensino. Um dos principais mantras ecoado, mesmo que de forma subliminar, é a dificuldade de concentração nas aulas, a ausência dos colegas, do clima de sala de aula, do medo do contágio pelo novo perigo invisível; além de que, a cada momento, por conta da queda da conexão internet o aluno acaba não assimilando algo importante sobre o conteúdo trabalhado. Os medos e as angústias devem ser somados às constantes cobranças pela manutenção do nível de nota. Nesse sentido, a escola não parou. Ela passou a exercer uma função que vai além da educação, buscando um equilíbrio constante.

A (re) educação em tempos pandêmicos no colégio de aplicação da Universidade Federal do Acre

Assim como nas demais instituições de ensino superior, a UFAC suspendeu seu calendário acadêmico no mês de março. O Conselho Universitário da UFAC, reunido no dia 20 de março de 2020 (de maneira remota), decidiu por ampla maioria não adotar a implementação de aulas remotas em todos os níveis de ensino ofertados pela instituição (lembramos que a UFAC oferece desde a Educação Infantil até o Doutorado), pois a modalidade de ensino não se encontrava amparada no regimento interno. Conseqüentemente, as aulas presenciais do Colégio de Aplicação (CAp) encontram-se paralisadas.

Em pesquisa realizada no mês de junho de 2020 pelo GT Acadêmico da UFAC, foi constatado que uma parcela significativa de alunos vinculados ao ensino básico (92%) do CAp desejava ter acesso a alguma atividade acadêmica/estudantil mesmo que de forma remota, pois existe um certo receio na comunidade estudantil "Capiana" de que a suspensão do calendário acadêmico sem uma provável data de retorn, possa acarretar a perda de conteúdo letivo além de gerar constantes dúvidas quanto ao acompanhamento de temáticas voltadas ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).



Levantamento realizado pela Universidade Federal do Acre apontou o ensino remoto emergencial, nesse momento de pandemia, como essencial, pois através dessa modalidade os alunos teriam um contato (mesmo que mínimo) com o corpo docente. Vale ressaltar que tal medida é vista como mitigatória nesse momento de isolamento. A escola, além de centro de aprendizagem e de vivência coletiva, assim como o Colégio de Aplicação, desenvolvem um tripé educacional com base no ensino, pesquisa e extensão.

Diferentemente das escolas particulares, as incertezas quanto à data de implementação das aulas remotas emergenciais no CAP acarretam uma angústia ainda maior entre os alunos. Além do calendário letivo a cumprir, o CAP segue legislação específica da UFAC, o que engessa ainda mais as decisões de seguir as recomendações do Conselho Estadual de Educação que já vem trabalhando com a modalidade de ensino remoto, enquanto no CAP, o retorno às atividades escolares de forma remota depende dos resultados da consulta à comunidade “Capiana” e de uma autorização do Conselho Universitário, o que aumenta ainda mais o receio pela perda do ano letivo.

As aulas remotas, o aluno e o cotidiano

As aulas continuam acontecendo, o ambiente escolar não parou, as escolas se reinventaram, o que nos leva a pensar (um certo remendo) em um embrião de ensino híbrido. E no contexto atual, a grande preocupação do professor e da escola é o atendimento de um número significativo de seu público. Ao mesmo tempo, são debatidos: readequação do calendário, novos modelos de aplicação de conteúdos letivos, unificação de turmas, práticas de ensino para um retorno às atividades presenciais, incertezas quanto à manutenção da cadeia produtiva do trabalho, e readequação de turmas pelo nivelamento de conteúdos assimilados, o que acarreta uma nova construção e desconstrução de vínculos de amizade e afetos construídos muitas vezes desde o ciclo inicial da vida escolar.

A grande preocupação hoje que paira sobre a escola nesse tempo de distanciamento vai muito além de manter o foco no ensino, mas levar aos alunos o sentimento de que eles não estão sós, e que o profissional professor está ali, se reinventando, mesmo com um aumento quase despercebido de sua carga de trabalho diária, vencendo seus próprios medos e anseios diários. A sociedade líquida tão citada



nas redações do ENEM se faz presente nesse distanciamento provocado pela covid-19. A fluidez das relações está tão constante no cotidiano dessa nova modalidade de ensino que medos e anseios se confundem. E o que toda cadeia envolvida espera é um retorno seguro (mesmo que incerto) para que o ambiente escolar possa representar novamente aquele microcosmo de sociedade.

Notas

- (1) Diário Oficial do Acre, Ano LIII - nº 12.763-A
- (2) Boletim COVID-19 Acre de 01 de julho de 2020.